



“Posso fazer uma síntese?” – “Em resumo”, uma leitura de mundo por Millôr Fernandes

Júlia Cristina Willemann Schütz*

“Olha aqui, nós podemos reclamar o que quisermos, mas que enredo! É um enredo inacreditável que nós estamos vivendo, não é mesmo!? É duma emoção!”

Millôr Fernandes

Ser errático e preciso, a um só tempo, parece ser impossível; no mínimo, improvável. Esses dois adjetivos, escolhidos a dedo pelos organizadores da exposição *Millôr: obra gráfica* (IMS) e do livro homônimo, Cássio Loredano, Julia Kovensky e Paulo Roberto Pires, jogam luz sobre as características que se aplicam muito bem, e simultaneamente, ao procedimento artístico, em palavras e traços, de Millôr Fernandes.

Dentro do aparente caos e do evidente excesso de imagens em que se apresenta a obra gráfica completa de Millôr Fernandes, os curadores da exposição elencam alguns motivos mais comuns desde o início de sua carreira, como casamento, amor, sexo, relações entre homem e mulher, entre pais e filhos, sua implicância com médicos e psicanálise, dinheiro, velhice e morte, mitologia, a Bíblia, o Rio de Janeiro, a praia e o subúrbio (de onde ele mesmo veio):

Com o tempo e as conjunturas sombrias resultantes do golpe militar de 1964, vieram ainda a política, a violência do Estado, a ignorância, a televisão, a corrupção, o meio ambiente e os

* Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

atentados contra ele, a cidade, os crimes urbanísticos, a crueldade e as vítimas do capital. Porém, o maior dos seus temas é disparado o próprio Millôr, personagem muito cedo inventada e burilada a vida toda pelo cidadão Milton Fernandes, afinal confundido e anulado pela invenção, nela decalcado, colado e com ela absolutamente identificado (Loredano; Kovensky; Pires: 2016, 9).

Com a mesma profusão e difusão, esses elementos despontam também em suas formas escritas. Os textos do Millôr humorista, jornalista e escritor se abrem como caleidoscópios, multiplicando as imagens – tudo é muito e em pouco espaço. A dissimulada vagueza esconde a densidade e a precisão. A análise, intensa e consistente, está na síntese. O efeito estético parte do tensionamento dos elementos agrupados. Pressão é igual à força sobre área.



Figura 1 – Desenho com autorretrato para publicação na *Folha de S. Paulo* de 17/12/2000. Nanquim, hidrográfica e lápis de cor sobre papel, 21 x 29,6 cm. Fonte: *Millôr: obra gráfica*. São Paulo: IMS, 2016.

É essa a elaboração que vemos na seção “Em resumo” da revista *Pif Paf*. Lançada em maio de 1964, *Pif Paf* é considerada a primeira revista alternativa pós-golpe militar no Brasil (Kucinski: 2003). Anteriormente ao seu formato de revista, *Pif Paf* foi, de 1945 a 1963, seção produzida por Millôr Fernandes sob o pseudônimo “Emmanuel Vão Gôgo” nas páginas centrais da revista *O Cruzeiro*. Após publicação da matéria “A verdadeira história do paraíso”, de cunho polêmico frente aos dogmas religiosos e conservadores, Millôr Fernandes se desentende com o corpo editorial d’*O Cruzeiro* e, junto a demais cartunistas, humoristas e jornalistas, elabora o planejamento de *Pif Paf* como periódico independente. Durante três meses de existência, de maio a agosto de 1964, foram oito números publicados por Millôr Fernandes e demais colaboradores.

“Em resumo” é o lugar em que aparecem, de modo mais enfático e entrecruzado, dentro do universo da revista, os acontecimentos da época, a conjuntura política e social, as discussões profissionais, o contexto da arte, da cultura, questões filosóficas e pessoais. Graficamente, a seção ocupa um lugar de destaque. Em todos os números (exceto no número um, em que aparece na página cinco), ela se encontra na terceira página, a qual tende a ser a mais cobiçada por repórteres e anunciantes: é aquela que inicia a publicação, que tem grande visibilidade, pois está logo após a capa. Primeiramente, “Em resumo” assume o papel de editorial da revista – assinado sempre por Millôr Fernandes (“M. F.”), com exceção do número três, em que não consta assinatura –; entretanto, não há como traçar divisas dentro da *Pif Paf*, que se fazem de maneira sensível e confusa. No segundo número, M. F. define a seção como coluna: “e daqui, do alto *desta coluna*, eu lhe reafirmo”. Já a jornalista Lygia Rocha (2011) atenta para o caráter de crônica. Assim, as perspecti-

vas de procedimento adotadas na seção abrem espaço para além do circunstancial. A narrativa é breve, porém com fôlego, e concentra, a seu modo, a análise de seu tempo e de si mesma. Com a primeira pessoa explícita no texto, o personagem Millôr Fernandes – Millôr brasileiro, Millôr jornalista, Millôr escritor, Millôr humorista, ou Millôr apenas – também desponta desse emaranhado de palavras.

***En passant* – procedimento analítico-humorístico em “Em resumo”**

Embora coexistentes e fragmentadas, as análises de M. F. em “Em resumo” ganham em densidade e intensidade. Abaixo está reproduzido o texto da seção presente no número dois de *Pif Paf*. Com ele, ilustra-se a atmosfera abundante de imagens e compacta no procedimento literário. É uma narrativa enérgica e cumulativa, cuja estrutura, com muitas cisões temáticas e semânticas, possibilita uma leitura com ritmo próprio:

No momento em que escrevo, o sol esfria visível, ou melhor, sensivelmente, cai geada nos campos de Ipanema, a revolução prossegue, o país espera, vai ser sancionado o direito de greve e os cavalos estão nervosos: há eleições no Jockey Club. A câmara está revendo os acórdos com o Leste, De Gaulle vai rever alguns amigos do Oeste, o Marechal Estevão Taurino declara-se abatido diante da corrupção, coisa que já abatia Pércles no tempo de Aspásia, e daqui, do alto desta coluna, eu lhe reafirmo, marechal: “o homem é um animal corrupto!” Já a mulher, nem tanto, e quando o é, que bom? Morre Nehru deixando a Índia viúva, e no Nordeste, como os presos políticos são todos soltos por uma comissão que

viaja num avião Bonanza, o povo repete que, “depois da tempestade vem o Bonanza”, descubro de súbito, que a rua Bela tem, naturalmente, uma fábrica de produtos de beleza, e ouçam bem o que eu digo, amigas minhas em flor: quem cala consente e a falta de voz é a emoção do consentir. Maio se vai e chega junho, junho se irá trazendo julho e assim per omnia, enquanto a Coccinelle continua aparecendo nua em todos os jornais e JK declara, intimidado: “Terror não me intimida”. Arraes fala sobre sua administração, os bispos se reuniram, de modo que já temos a quem nos queixar, o Brasil vai receber mais alguns milhões da Aliança para o Progresso, milhões com os quais poderemos nos tornar independentes daquele movimento e regredirmos à vontade, e vai-se publicar o Livro Branco da Revolução, o que é muito prudente, em se tratando de um país de analfabetos. Imaginem se o livro fôsse escrito! Tem chovido, tem-se revirado o mundo, tem-se agitado esta dolorosa terra, trata-se crimes bárbaros como se fôsem partidas de futebol, o futebol se transforma em hecatombe, noticia-se desastres aéreos como se a fatalidade os regressasse, mas, como dizia o sujeito apunhalado nas costas: “Só dói quando a gente ri”. Eu, porém, que sou prudente, comprei um Kubitschek de quatro cavalos e agora só me falta a audácia dos largos galopes. Enquanto isso o Inquérito na Caixa Econômica prova que ela poderia ser tudo menos econômica, explodem bombas em Madri, além das sinistras do estádio de Lima, e amena, amena, encantadora e genial, só, no meio disso, sem explosões nem ódios, está minha especialmente estimada amiga Fernanda Montenegro, em Mary, Mary. Zarur, o profera, [sic] já não

mais profetiza, barbeiros e manicuras continuam a anunciar suas excelências profissionais nas páginas classificadas do “Jornal do Brasil” enquanto prossegue a luta para ver quem pode concorrer às eleições na pátria estremecida. No meio de tudo eu paro, pois, cansado e ferido, tenho que ir ao entêrro de um bom e grande amigo que ontem esticou as canelas. Falar verdade, esticou não só as canelas – em número de quatro – mas também as orelhas e um rabo. Amigo sim – o melhor do homem.

M.F. (Fernandes: 1964b, 3).¹

A primeira observação a ser feita é sobre a intertextualidade, um dos procedimentos responsáveis por atribuir ao texto seu caráter de densidade. Como o texto se quer um “resumo”, e em momento nenhum discrimina o que está se propondo a resumir, nota-se que o objeto a ser resumido é tudo e qualquer coisa que os olhos e as mãos alcancem, que despertem interesse e tenham relevância para quem resume. Em um único texto, apenas assinalando brevemente, M. F. resume o clima em Ipanema (a afirmação da geada na cidade do Rio de Janeiro aciona, ao leitor, um alerta sobre o caráter não factual do texto, ou antes, sobre o pacto de leitura a ser realizado), cita a “revolução” (golpe) deflagrada há pouco tempo pelos militares no Brasil, destaca inúmeros nomes de políticos, personagens de filmes, artistas, eventos trágicos, além de incluir expressões populares em jogos paronomásticos: *Bonanza*, seriado americano de faroeste, se insere no lugar do substantivo “bonança”.

¹ Todas as citações referentes ao “Em resumo” estão grafadas conforme o texto original, de 1964, e por isso não acompanham as normas do Acordo Ortográfico de 1990.

Ao relatar que será publicado o *Livro Branco da Revolução*, M. F. opera intertextualmente com o *Livro Vermelho*, obra que traz citações do líder comunista Mao Tsé-Tung. Em poucas palavras, faz relação de seu texto com outros textos (o intertexto se dá na citação indireta da obra de Mao Tsé-Tung, lançada também naquele ano de 1964) e elabora uma paródia (“Livro Vermelho” e “Livro Branco”). Ainda, muito oportunamente, gera críticas sociais, colocando ironicamente o Brasil em posição de país de analfabetos, e provoca o regime militar ao citar de modo implícito uma obra de caráter comunista. Não surpreende se passarem despercebidas ao leitor muitas referências.

Odília Carreirão Ortiga (1992) admite os textos de Millôr como circuitos de percepção e cumplicidade entre autor, texto e leitor, que se completam com o riso. O “modo” faz parte da relação do artista com o mundo, é um processo de recriação e montagem a fim de representá-lo artisticamente, por isso se faz tão importante reconhecer o contexto de Millôr para entender seu trabalho.

Segundo sua tese *O riso e o risível em Millôr Fernandes – o cômico, o satírico e o “humor”*, as práticas discursivas são quase idênticas nos três modos que serão vistos a seguir. Neles, Millôr monta e desmonta seus textos e imagens através da “ironia, paródia, intertextualidade, intratextualidade e contextualidade” (Ortiga: 1992, 83). O fator de diferenciação que Ortiga (1992) utiliza é a variação da distância do “eu” (no caso Millôr) com o “outro” (os motivos do riso) que aparecem nos textos, visto que em todos os modos há essa relação conflituosa do “eu” com o “outro”.

No modo *cômico* de Millôr, o objeto motivo de riso faz parte de um mundo “às avessas”, que acaba sendo divertido e suscita o riso de prazer ao ver que alguma coisa ou alguém se encontra, em

comparação conosco, “inferior”. Nele, há uma natureza humana contraditória, de dissonância e inversão, a qual se expressa em inúmeras formas de ironia. O *satírico* se baseia na relação ambígua de repulsa e de atração, negando e excluindo o “outro” que nos é estranho. Há vestígios de ódio e agressão: seu riso, de julgamento, é irônico e sarcástico. Uma de suas características é o uso de caricatura, paródias e jogos de palavras. Já o *humor*, para a autora, situa-se como o último modo encontrado em Millôr, o qual corresponde a “certa ruptura da distância crítica pelo envolvimento emocional de solidariedade – como mundo tristemente às avessas –, provocando o riso que ‘ri de si mesmo’ antes de rir de ‘alguma coisa ou alguém’” (Ortiga: 1992, 5-6). Nesse último, o “outro” é quase um “alter ego”, em que é possível haver uma relação de simpatia entre quem ri e o objeto de riso. Segundo a autora, esse modo é o mais reflexivo, ligado às questões metafísicas: “Se o cômico ajuda a ver o homem através do seu ridículo, e o satírico, a lutar contra todas as formas de opressão, cabe ao ‘humor’ dar uma outra dimensão à vida do homem, ensinando-o a viver” (Ortiga: 1992, 178).

A síntese-analítica ou a análise-sintética de M. F. não foge dos adjetivos; há uma ponderação para que suas escolhas reflitam o exame e a crítica. “Em resumo” acima (número dois) se refere à terra como *dolorosa* e à pátria como *estremecida*. Não raro o sentido de instabilidade (política, social, econômica) aparece nos demais textos. Junto, pode-se citar o tom de melancolia, nostalgia, até mesmo de morosidade e descrença – a oscilação ocorre rapidamente, tão rapidamente quanto a transição do trágico para o cômico, em procedimento de ruptura na expectativa de leitura, normalmente nos últimos trechos, como em “a revolução prossegue, o país espera, vai ser sancionado o direito de greve e os cavalos estão nervosos: há eleições no Jockey Club”.

O mundo às avessas também acima é explícito: “trata-se crimes bárbaros como se fossem partidas de futebol, o futebol se transforma em hecatombe, noticia-se desastres aéreos como se a fatalidade os regresses”. Há, nisso, subjetivamente, um envolvimento ético tanto do ponto de vista profissional (o que é notícia e o que não é) quanto da perspectiva de ser e estar no mundo. A perplexidade da inversão toma o sujeito, que para lidar com essa dimensão continua com o semelhante procedimento de quebra do tom grave via tom irônico e de humor: “mas, como dizia o sujeito apunhalado nas costas: ‘Só dói quando a gente ri’”.

Além da perspectiva do tropo retórico, a ironia é considerada tópico político. Seu funcionamento está condicionado ao contexto e à atribuição do caráter irônico nos mais diversos tipos de discursos – “atribuição” porque, nesse ponto de vista, a ironia “acontece”; ela não existe até que alguém interprete um discurso como tal. Como ela é vista “em uso”, em “cena social e política”, alguns fundamentos para que aconteça são “sua aresta crítica; sua complexidade semântica; as ‘comunidades discursivas’ [...]; o papel da intenção e da atribuição da ironia; seu enquadramento e seus marcadores contextuais” (Hutcheon: 2000, 19).

Atribuir a ironia, no contexto de “Em resumo”, implica aceitar seu pacto de leitura e estar inserido, de alguma maneira, naquela comunidade discursiva.² Expectativas, suposições e preconceções do indivíduo, assim elencadas por Hutcheon (2000), são formadas por distintos modos de apreender o mundo, isto é, como elementares na composição do sujeito. O compartilhamento ou justamente a

² Definição, para Hutcheon, de comunidades discursivas: “configuração complexa de conhecimento, crenças, valores e estratégias comunicativas compartilhados” (2000, 136).

diferença de repertório cultural, político e ideológico é fundamental para o efeito irônico. O processo comunicativo “alterado e distorcido”, via ironia, é simultaneamente disfarce e comunicação (Hutcheon: 2000). Seu caráter político na seção “Em resumo” – e na revista *Pif Paf* de modo geral – é indiscutível. A seção é um lugar em que esse narrador não só trabalha com o enredo, carregando consigo seu ponto de vista político e social, mas sobretudo é um espaço em que se coloca como personagem atuante.

A seguir, corroborando a leitura da ironia, melancolia, nostalgia e, especificamente no início deste “Em resumo”, impotência, quase como em simbiose com eventos cômicos e corriqueiros, temos:

ESCREVO tarde; já estamos em meio de 64. Deveria ter escrito há anos mas então eu não sabia nada. As golondrinas se enfunam, os exércitos se inflamam, lá de cima mamãe chama e há canários reunidos em mostra de mais de mil num pipilar sem conta dentro do Magazine Mesbla. Estão sendo todos expostos por seus donos, que acreditam que mais vale um canário na mão do que dois voando; alguns destes expostos, valem mesmo acima de cinquenta mil pratas. Em Londres, os Rockers passam a pregar bom comportamento e a ajudar velhinhas a atravessar as ruas, o que, se não é mais uma gozação, é uma tremenda desmoralização, o maiô só de calcinha vem aí firme e forte, o que não é lá muito firme nem forte é o que ele deixa a descoberto, ou seja, aquilo que Sérgio Pôrto chama de seio da família. Esta, contudo, continua marchando, com Deus e a Liberdade tendo sido vista agora penetrando na fronteira da Bolívia e se encaminhando para o Pacífico, cremos que em direção do Ganges, faz um

frio, brrrrr! de morte aqui na Guanabara, mas vocês [sic] precisavam ter estado comigo, brrrrrrrrrr!, ali em São Paulo, onde fui com Ziraldo, Fortuna e Sérgio Ricardo dar vexame na TV Record, e descubro que, no Brasil, a cada dia que passa há mais noção de dever por parte de todo mundo. Por exemplo, nós, os humoristas, humoristamos, e os generais agora realmente estão generalizando. Enquanto isso Goldwater é expulso de nossa seção Mundo Cão porque declarou que se opõe a qualquer espécie de segregação, o JB publica uma lista enorme de pessoas desaparecidas aqui na Guanabara, afirmando que somem mais de cem por dia, Ademar de Barros, apertadinho, declara que não há qualquer pressão contra sua ilustre e ilibada pessoa, em certos “Vou ali e volto já” há um “Nunca mais” implícito, o homem continua sendo o maior instrumento de sôpro e é só ler um pouco as memórias de Montgomery para descobrir que ele ganhou a guerra sozinho e que o exército inglês também era uma saudável esculhambação, enquanto que o governador atual desta esplêndida cidade-estados [sic] declara que Lacerda não está concatenando nenhum movimento civilista, pelo contrário até, vem aí armado da maior boa vontade para com o govêrno vigente. As autoridades que o revistem. No mais já passa do dia 15 e ninguém até hoje sabe se o Ato Institucional continua valendo, quem quiser que o teste, e a môça, seduzida, como de natural, pelo cunhado (que os estranhos pouca oportunidade têm de se tornar sedutores) diz que era menor, o cunhado vai e diz ao delegado que a môça tinha colaborado com afinco no seu intento (afinco e intento, eu não sou um sutil?) e que essa conversa de menoridade era

cartaz dela, essa môça eu conheço ela, doutor, nasceu em 1935, vai o juiz pede a certidão da môça, vai a môça e diz que não tem certidão não senhor, doutor, vem o juiz chama um dentista e manda examinar os dentes da môça e constata que a môça já tinha todos os dentes de sizo, [sic] vejam o que é a natureza! De modo que, em virtude dos constantes e aferidos eu ordeno que o referente somado fique confinado na forma prevista do ato compulsório e satisfatório do dito e repetido consumado fato. Em suma, meus amigos, o azar foi dela, se é que foi azar. E nada mais tendo a tratar eu me retiro, desejando apenas ao leitor, mais uma vez, que tudo vá de vento em pôpa, sobretudo a pôpa.

M. F. (Fernandes: 1964d, 3).

“Senhor M.F., queremos uma análise do governo militar.”

Alusões ao autoritarismo e ao conservadorismo são recorrentes em todas as edições. O “Em resumo” presente no número 4 da revista, integralmente citado acima, explora sensivelmente o contexto da ditadura brasileira em seus primeiros meses. Há, por exemplo, insinuações a hierarquias que, à época, já eram rígidas, tornando-se ainda mais tensionadas e austeras após o golpe. O núcleo familiar, a “família tradicional brasileira”, ganha lugar de destaque, várias vezes, como alegoria dessa sociedade. Além do trecho acima, há outros excertos extraídos de demais edições de “Em resumo” que contribuem para a formação dessa rede de significantes comprimidos e difusos:

vai ser votado o direito de greve, *a família continua marchando, agora em Belo Horizonte, com Deus, a Liberdade e diversas outras utopias* (Fernandes: 1964a, 5; grifo meu).

Em Niterói, o deputado Lucas de Andrade agride a socos e pontapés parte da comissão que não elegeu sua filha miss, a polícia feminina Carioca continua pouco polícia e nada feminina, *a família – carregando sempre aquelas que lhe são, ai!, familiares – continua marchando Brasil afora, segundo os observadores passando agora por Bagé e caminhando para o interior de Mato Grosso* (Fernandes: 1964c, 3; grifo meu).

Note-se que, acima, M. F. se vale do nome dado a essas manifestações “com Deus pela liberdade” e complementa, de forma irônica, com “e diversas outras utopias”, reforçando sua observação: é uma luta vazia. Os Atos Institucionais, como ameaça, cerceamento e arbitrariedade, ganham espaço no resumo; as bases jurídicas para legitimar as ordens e decisões militares estavam assentadas: “quem queria caçar esquerdistas podia agora fazê-lo dentro da máquina do Estado” (Gaspari: 2002, 253).

Simultaneamente ao “humoristar” dos humoristas, há o exame da “generalização dos generais”, e no “balanço geral” daqueles dias constavam igualmente prisões, torturas e cassações, ações vistas como necessárias na contenção do “avanço comunista”. Não é necessário que M. F. afirme mais do que “o JB publica uma lista enorme de pessoas desaparecidas aqui na Guanabara, afirmando que somem mais de cem por dia”, para depreender o sentido de denúncia que igualmente havia nos “resumos”.

Enquanto escrevo os generais estão jantando em casa de Leão Gondim de Oliveira, diretor da revista O Cruzeiro, de cuja honestidade a cidade fala, no máximo, com discrição. É um sinal de que a revolução tem fome de glória, sede de prazer,

gosta de revistas em quatro côres, e, na hora da sobremesa, não se importa com o bicho da goiaba. É uma prova também da extrema ignorância dos líderes revolucionários até mesmo em matéria de gastronomia. Jantar por jantar os do Zé Pedroso eram muito felhores [sic]. Desonestidade por desonestidade a do Zé Pedroso era muito mais inofensiva. Por outro lado começa a desaparecer o já parco sorriso da face do Presidente pois é impossível não reconhecer que o país vai mal. A inflação, mais terrível do que nunca, torna difícil a vida do rico e miserável a vida do pobre. Uma instabilidade social e moral permeia todos os nossos gestos e atitudes. Eu, por exemplo, aqui, há anos, esperando uma negociata que não vem, já estava mesmo disposto a qualquer negócio quando a inflação tornou inviável até mesmo a improbidade. No mais prossegue a guerra fria e quente em tôda parte, o papa continua a exortar o mundo com um palavreado que nem eu entendo quanto mais o mundo que é muito mais ignorante do que eu, e, em sua única frase audível, diz que “a verdade é sagrada e jamais deve ser traída”, o que, fica evidente, é uma mentira; a justiça inglêsa condena como adúltero um homem de 81 anos de idade (o que não é só uma indecência, é também um recorde) e o govêrno Castelo Branco parece especialmente empenhado em salvar do incêndio todo o rebotalho do PSD. Que a terra lhe seja leve. Eu, porém, que sou rendeiro, fico observando a marcha do sol cada dia mais quentinho, as Casas da Banha continuam sendo “uma família a serviço do polvo”, e os americanos mandam brasa lá no Vietname do Norte, dizem que é por via das eleições. Se êles não bancam os machões, o pessoal todo, em outubro, vota no Água Dourada, tradução de Goldwater para os mais ignorantezinhos. No mais

um deputado prevaricador levantou-se e disse ao outro que sem revólver não era possível lhe responder – com um revólver, sim, dar-lhe-ia uma resposta à queima-roupa, Portugal continua a ser o país mais português do mundo, vão aumentar mais uma vez os ônibus, os bondes, os trens, os helicópteros e as cracatuas, o papa volta a falar e declara que “a verdade é sagrada e jamais deve ser traída”, o que, fica evidente, é uma repetição maquinal, e que conforme eu previra Ike errou mesmo na estratégia final da Segunda Guerra Mundial (me refiro à de 1945). Devia ter chegado ao Reno e ocupado o Rhur, nos começos do inverno de quarenta e quatro. Não foi pras cabeceiras, como ficou assentado na reunião que tivemos, eu, êle e Montgomery e o resultado foi mais alguns meses de lutas e mais alguns milhares de vidas perdidas. Mas que são vidas perdidas senão a glória e a honra do generalato? Mais cruzeiros na terra, mais estrelas no peito e no céu

M. F. (Fernandes: 1964e, 3).

Acima, lemos o “Em resumo” presente no sétimo número de *Pif Paf*, aqui o último selecionado para dar conta de nossas observações. É também um dos mais interessantes na perspectiva que não somente envolve M. F. na voz da primeira pessoa do singular como também autor-referencia o conflito de sua saída da revista *O Cruzeiro* e os personagens envolvidos nele. Millôr Fernandes, antigo colaborador de *O Cruzeiro*, após publicar “A Verdadeira História do Paraíso”, sátira bíblica de Adão e Eva, foi rechaçado no editorial da revista, justamente pelo conteúdo considerado imoral e ofensivo. De uma só vez, Millôr ataca o governo e Leão Gondim de Oliveira, então diretor de *O Cruzeiro*. Enfatizar o nome de Gondim de Oliveira e seus vínculos com a ditadura, por meio de metáforas como “os generais estão jantando em casa de Leão Gondim

de Oliveira” e “a revolução gosta de revistas em quatro cores”, parece sustentar sua posição contrária às atitudes conservadoras e arbitrárias tanto do diretor quanto dos generais e, ao mesmo tempo, “alfinetá-los”.

A divagação, ou melhor, a rápida passagem de um assunto a outro, costurados justamente pelo caráter do breve, faz com que um número maior de alvos seja projetado e acertado. Além dos citados anteriormente, M. F. insere o Papa, à época Paulo VI, considerando suas posições como automáticas (“maquinais”), e concebe a avaliação de que o sorriso do presidente já some frente à situação no país, que vai mal, instável, como pontuado em outro “Em resumo”. Para “comprovar” tal instabilidade, M. F. faz um relato pessoal, implicando-se emocionalmente na narrativa e alcançando um efeito humorístico. Como narrativa, “Em resumo” contempla variadas situações, fictícias ou não, algumas banais, sendo tratadas seriamente, e outras sérias, sendo apresentadas banalmente, de modo a desestabilizar todos os sentidos. Os disparates têm função – até mesmo dizer que Portugal continua sendo o país mais português do mundo. O excesso e o acúmulo, junto da ironia, paródia, intertextualidade, intratextualidade e contextualidade, observadas por Ortiga (1992), é procedimento. A estratégia irônica, de desestabilização do cenário e do discurso, que ganha maior destaque na seção, é sobretudo um modo de se colocar enquanto agente político.

Entende-se que, por trás de suas sínteses, há extensas análises de alguém empenhado em uma leitura do mundo. É um método de reduzir ao máximo essa realidade intrincada, não a organizando, mas sim a mantendo emaranhada e caótica. Millôr Fernandes mesmo desloca e brinca com os termos “análise” e “síntese”, como mostrado nos desenhos aqui reproduzidos. A totalidade difusa e complexa é costurada de modo que o efeito seja uma narrativa ainda difusa, aparentemente simplista, que encobre sua complexidade.



Figura 2 – Desenho com autorretrato, s.d. Nanquim, hidrocor, lápis de cor e colagem sobre papel, 21,1 x 29,6 cm. Fonte: *Millôr: obra gráfica*. São Paulo: IMS, 2016.

Millôr Fernandes trabalha com as possibilidades da linguagem e do mundo ao redor (“que enredo!”). Explorando estruturas e recursos literários e jornalísticos – todos dentro do grande arcabouço da língua –, ele potencializa a característica polissêmica da linguagem escrita e visual. Seus textos são permeados “de técnicas de montagem e colagem de textos; e, sobretudo, do diálogo ambivalente, instaurado pela ironia entre o que se diz e o que se quer dizer” (Ortiga: 1992, 215). Se, em um primeiro momento, a dispersão não configura precisão, retomemos os resumos de M. F. para rever a potência existente no difuso comprimido.

Referências

- FERNANDES, Millôr. “Em resumo”. *Pif Paf*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 5, mai. 1964a.
- _____. “Em resumo”. *Pif Paf*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 3, s.d. 1964b.
- _____. “Em resumo”. *Pif Paf*, Rio de Janeiro, nº 3, p. 3, jun. 1964c.
- _____. “Em resumo”. *Pif Paf*, Rio de Janeiro, nº 4, p. 3, jul. 1964d.
- _____. “Em resumo”. *Pif Paf*, Rio de Janeiro, nº 7, p. 3, ago. 1964e.
- _____. *A entrevista: Millôr Fernandes fala à revista Oitenta*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo: Edusp, 2003.
- LOREDANO, Cássio; KOVENSKY, Julia; PIRES, Paulo Roberto. “Erótico e preciso”. *Millôr: obra gráfica*. São Paulo: IMS, 2016.
- “O Pif Paf – quarenta anos depois”. In: *Pif paf Quarenta anos depois: coleção fac-similar das 8 edições da revista Pif Paf de Millôr Fernandes*. Rio de Janeiro: Argumento, 2005.
- ORTIGA, Odília Carreirão. *O riso e o risível em Millôr Fernandes: o cômico, o satírico e o “humor”*. Tese de doutorado em Literatura. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1992.
- ROCHA, Lygia Maria Silva. *Pif Paf: o jornalismo que ri – uma análise do campo jornalístico a partir da imprensa alternativa brasileira*. Dissertação de mestrado em Jornalismo. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2011.

Resumo

Este ensaio busca abrir caminhos para a compreensão do procedimento crítico que sustenta o trabalho literário, jornalístico e humorístico de Millôr Fernandes na seção “Em resumo”, presente em todos os números da revista *Pif Paf* (1964). “Em resumo” se configura como um texto operado a partir de montagem, acúmulo e cisões temáticas, muitas vezes abruptas, sob o ponto de vista de M. F., que se coloca como participante, observador e narrador dos acontecimentos da época, da conjuntura política e social, das discussões profissionais e do contexto da arte e da cultura. Amparado pelos estudos de Ortiga (1992) sobre as práticas discursivas de Millôr Fernandes, que incluem ironia, paródia, intertextualidade, intratextualidade e contextualidade, esta análise propõe que o procedimento de Millôr Fernandes na seção funciona como uma síntese-analítica ou como uma análise-sintética dos acontecimentos do mundo. Sua totalidade complexa e condensada é costurada de modo que o efeito seja uma narrativa difusa, aparentemente superficial, que disfarça a camada mais profunda, precisa e analítica do texto.

Palavras-chave: Millôr Fernandes; revista *Pif Paf*; seção “Em resumo”; análise crítica; procedimento literário.

Abstract

This article aims to open paths for the understanding of the critical procedure that supports Millôr Fernandes’ literary, journalistic and humorous work in the section “Em resumo”, present in every edition of the *Pif Paf* magazine (1964). “Em resumo” is configured as a text operated by means of montage, gathering and thematic divisions, often abrupt, from the point of view of M. F., who stands as a participant, observer and narrator of the events of the time, of the political and social conjuncture, professional discussions and the context of art and culture. Supported by Ortiga’s (1992) studies of Millôr Fernandes’ discursive practices, which include irony, parody, intertextuality, intratextuality and

contextuality, this analysis proposes that Millôr Fernandes' procedure in the section functions as an analytical-synthesis or as a synthetic-analysis of world events. Its complex and condensed totality is tied together so that the effect is a diffuse, apparently superficial narrative that disguises the deeper, more precise and analytical layer of the text.

Keywords: Millôr Fernandes; Pif Paf magazine; section “Em resumo”; critical analysis; literary procedure.